

EXCERTO DO DISCURSO DE ABERTURA NA IV CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE PSICOTERAPIA CENTRADA NO CLIENTE/EXPERIENCIAL



João Hipólito

Resumo: É feita uma nota introdutória sobre o consenso relativamente ao local onde se irá realizar a próxima conferência e qual a importância e o valor simbólico dessa cidade (Chicago) para as pessoas que fazem parte da comunidade Rogeriana.

São referidas também algumas metas históricas sobre a implementação e continuidade do movimento e da Abordagem Centrada na Pessoa em Portugal, sendo referidos alguns dos personagens que para isso contribuíram.

Por último é feito um apelo a toda a comunidade Rogeriana para que encontre uma estratégia de unidade, de coesão, de modo a continuar a defender e aprofundar o modelo de abordagem da pessoa criado por C. Rogers.

Abstract: It includes an introductory note about the consensus concerning the place where the next conference will take place, the importance and the symbolic value of that city (Chicago) for the persons who are members of the Rogers community.

Some historical goals about the undertaking and continuity of the Person Centered Approach movement in Portugal, are also referred as well as some of the people that put it in a way of success.

Finally we appeal to all the Rogerian community so that a strategy of continuity and cohesion may be found in a way that the Person Centered Approach created by C. Rogers, keeps on being supported and deeply investigated.

Lisboa foi escolhida para a realização desta IV Conferência aquando da última Conferência Internacional em Gmuden, na Áustria. Alguns colegas nossos teriam preferido que ela tivesse sido realizada em Chicago. Pessoalmente, penso que o consenso, que parece começar a manifestar-se para que a próxima Conferência se realize nesta cidade, terá um valor simbólico muito elevado, entrando-se no terceiro milénio, com o regresso ao local no qual uma das partes mais importantes da obra de Carl Rogers foi realizada e por onde passaram, também, a maior parte dos grandes nomes que muito honram o Movimento Rogeriano. De Thomas Gordon a John Shlien, de Nathanael Raskins a Eugene Gendlin, de Fred Zimring à malograda Virgínia Axline, sem esquecer, entre os mais “novos”, Barbara Broadley ou Gary Prouty. A lista é longa e parece-me preferível não tentar alongá-la mais para não incorrer em omissões que não têm a intenção de hierarquizar as competências ou o prestígio dos colaboradores de Rogers, mas que, tão somente, mostram a insuficiência da minha memória no momento presente.

A preferência por Lisboa parece-me também encontrar-se imbuída de um valor simbólico particular,

quer como local de escolha, quer como data escolhida.

Com certeza que Lisboa cruzou-se muitas vezes com Carl Rogers, se não no real pelo menos no seu pensamento e no seu imaginário.

Mas, pelo menos duas vezes, ficou um traço na “história”.

Provavelmente Carl só parou uma vez em Lisboa. Vinde de França, e após um período de trabalho bastante fatigante, passara através da Espanha para se deliciar com a singela frescura de uma aldeia de pescadores encontrada ao fim da estrada sinuosa: Sesimbra, que lhe fez dizer: So far we love Portugal.

A sua passagem passou despercebida, então, em Portugal. Nenhum dos seus livros fora ainda traduzido e publicado em Portugal, o que só viria a acontecer nos princípios dos anos setenta. Não nos ficaram traços de contactos profissionais significativos em Portugal.

Quando em 1969 cheguei a Portugal, começava a difundir-se o pensamento e a abordagem terapêutica de Carl Rogers graças, sobretudo, ao esforço e interesse do

Prof. Carlos Caldeira e de um pequeno grupo em torno dele, entre os quais os psiquiatras Lalande e o casal Campos de Moraes, mas, aparentemente, nenhum deles se apercebera da sua passagem.

Carlos Caldeira, entusiasmado pelo modelo rogeriano, organiza um primeiro programa de formação em psicoterapia “rogeriana” e pretende formar uma sociedade portuguesa de “terapia rogeriana”.

O seu sentido do rigor na formação dos terapeutas, tal como a sua preocupação numa larga cultura psicológica dos futuros terapeutas, leva-o a preparar um programa, no qual, para além do estudo aprofundado dos escritos de Carl Rogers, havia a preocupação de dar uma base consistente de conhecimentos filosóficos e de informação sobre os mais importantes modelos psicoterapêuticos, tais como a psicanálise, na sua vertente ortodoxa ou nas várias sensibilidades, para não dizer dissidências, como no caso de Jung ou de Adler.

Este programa dividia-se em duas partes: a propedêutica, de três anos, que se interessava, sobretudo, pelos aspectos teóricos e a que, assente na prática terapêutica, privilegiava a supervisão e intervisão dos terapeutas.

Carlos Caldeira contactou Carl Rogers expondo-lhe os seus projectos, pensando, provavelmente, encontrar em Rogers uma “orelha atenta”, empática, encorajadora e que, seguramente, lhe desse conselhos para a realização destes projectos.

Este “segundo encontro” de Rogers com “Lisboa” foi, contudo, muito menos feliz do que o primeiro. Carlos Caldeira recebeu uma carta de Rogers a qual, no essencial, dizia não se reconhecer no programa de formação de Lisboa e, como tal, não autorizava o uso do seu nome no desenvolvimento do programa ou na referida sociedade, ao mesmo tempo que fazia uma breve clarificação da sua posição relativamente às instituições.

Em sùmula, uma vez mais, insistia na sua oposição a toda a forma organizada de estrutura integradora, a qualquer nível que fosse, dos “seus discípulos”. Como “consolação” anunciava a vinda a Portugal de um dos seus mais próximos colaboradores, John Keith Wood, para, de certa maneira, controlar a “ortodoxia” do grupo português.

John K. Wood, infelizmente aqui hoje ausente, acabou por vir duas vezes a Portugal, embora noutra contexto, dando um contributo precioso nos programas de formação em curso e mantendo connosco, desde a sua primeira visita, uma relação de amizade que muito nos enriquece e honra. Tínhamos a intenção de clarificar o “projecto português”, em La Jolla, aquando do Forum Internacional que se realizou em 1987, mas infelizmente a morte de Carl em Fevereiro desse mesmo ano não o permitiu.

Na continuidade deste trabalho vários outros colaboradores, próximos de Carl, passaram, desde então, por Lisboa, tais como John Shlien, Nat Raskins, Fred Zimring, Barbara T. Broadley, Goff Barret-Lennard, Jerold Bozart. A mor-

te de Carl Rogers, em 1987, não lhe permitiu vir, ele mesmo, “revisitar” este país e o grupo dos que, aqui, continuaram a difundir e a desenvolver as suas ideias.

O tempo e a evolução das “mentalidades” acabou por curvar, senão mesmo por convencer Rogers. *Um pouco por toda a parte, sobretudo na Europa de influência germânica, começaram a surgir sociedades científicas mesmo sem o seu acordo ou benção, congregando os “terapeutas rogerianos” e organizando programas de formação, ainda que não utilizando especificamente o seu nome, mas afirmando sem embargo as suas ideias, para não dizer os ideais de Carl Rogers.* Finalmente Carl acabou por dar o seu aval à criação de um certo número de sociedades, algumas utilizando mesmo o seu nome, como no caso da Associação Europeia de Terapia Centrada no Cliente e Abordagem Centrada na Pessoa - Carl Rogers, outras sem a utilização explícita do seu nome mas com o contributo da sua presença como a Associação para o Desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa - Association for the Development of the Person-Centered Approach.

Esta última, sob o notável impulso de David Cain, tornou-se internacionalmente conhecida, tendo membros espalhados por toda a parte do mundo e, durante um certo tempo,

teve a potencialidade de se transformar de sociedade americana em sociedade internacional, congregando os que, oriundos de qualquer país, se reconheciam na filosofia e “modelos” de Carl Rogers.

A evolução desta sociedade não foi, contudo, nesta direcção, mas, sim, para uma centragem predominante sobre a cultura e o contexto americano.

Os modelos de organização das diferentes sociedades foram múltiplos, desde sociedades bastante estruturadas e organizadas como as demais sociedades científicas, sobretudo na Europa, até formas de auto organização, mais de acordo, muito provavelmente, com o sentimento pessoal de Carl Rogers, como o é o caso da Associação para o Desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa.

Poderíamos dizer que, sem trair a continuidade do seu sentir, Carl Rogers pôde evoluir para a integração do conceito de organização, tal como vimos referindo, assim como para a existência de espaços e tempos de partilha alargada internacionalmente, com um mínimo de organização, como foi o caso do I Fórum Internacional da Abordagem Centrada na Pessoa organizado no México pelo nosso caro amigo, aqui presente, Prof. Alberto Segre- ra com o beneplácito de Rogers. Este Fórum albergou as diferentes tendências e aplicações do modelo rogeriano e repetiu-se, desde então regularmente, estando o próximo previsto para a África do Sul em 1998.

Seguiu-se, já depois da morte de Carl Rogers, como es-

paço internacional de encontro e partilha e com um carácter mais estruturado e mais orientado especificamente para a terapia, a organização das Conferências Internacionais de Terapia Centrada no Cliente e de Psicoterapia Experiencial. A primeira realizou-se em Luvaina em 1986, sob o impulso e esforço do Prof. German Lie- tear, presente entre nós hoje na IV conferência deste nome.

Estes momentos de encontro internacional têm-se multiplicado, quer ao nível da América Latina, quer nos encontros transculturais organizados por Chuck Devonshire, quer ainda como resultado do esforço de instituições como o Centro de Estudos da Pessoa em La Jolla, fundado por Carl. Contudo, tem faltado à comunidade rogeriana, espalhada pelo mundo, um elo que, fora desses momentos privilegiados, mantenha a comunicação e a colaboração entre todos.

Parece-nos ter chegado o momento da comunidade rogeriana dar mais um passo para a organização mínima dos seus esforços, para uma maior eficácia no seu funcionamento, para a difusão do modelo em que acreditamos e do seu reconhecimento pela comunidade científica internacional como sendo a terceira via de que Carl Rogers falava, responsável e credível entre os movimentos cognitivistas e os

movimentos psicanalíticos.

Penso que, neste sentido, Lisboa como local de eleição para esta conferência, como eu afirmei no início, é altamente simbólica desta mudança de olhar entre a oposição total que Carl Rogers exprimia na sua carta a Carlos Caldeira e a necessidade de um mínimo de estrutura que nos permita conseguir fazer avançar as ideias que defendemos e que a multitude do trabalho experimental realizado até hoje, aqui patenteado, permite es- tear.

Mas que tipo de estrutura queremos nós? Penso que a grande maioria de nós desejaria que nessa estrutura Carl Rogers se sentisse à vontade, se ainda estivesse entre nós.

Actualmente, há uma proposta que tem vindo a circular para que, aqui mesmo em Lisboa, a nossa comunidade tome medidas para criar uma tal organização.

Esta proposta não tem encontrado consenso a nível internacional. Se há um número significativo de pessoas que tem manifestado o seu maior apreço por esta ideia, outras têm expresso a sua inquietação pela criação de uma organização que mantendo-se, eventualmente, fiel à filosofia de Carl Rogers, se afaste ou mesmo mate o espírito desta.

Expressa-se o receio de

ver impor normas de funcionamento, de reconhecimento, normas de ortodoxia ou um cânon de funcionamento, o receio de ver desaparecer aquilo mesmo que faz a diferença entre a nossa abordagem centrada no cliente, como sói dizer John Keith Wood, e as outras correntes psicoterapêuticas.

Vemos, assim, aparecer um leque de opiniões que vão desde a posição expressa na carta de Carl Rogers a Carlos Caldeira, opondo-se a todo o esforço de organização permanente, até aos que defendem a necessidade de uma organização coerente como o modelo tradicional das sociedades científicas.

Parece-nos que uma das grandes dificuldades que encontramos no nosso meio é lidar com a realidade da grande diversidade de olhares sob a denominação de movimento rogeriano, terapia centrada no cliente, abordagem centrada na pessoa ou abordagem centrada no cliente.

Algumas definições circulam com maior ou menor consensualidade, mas de maneira geral, existe uma certa confusão que não facilita nem a comunicação nem o diálogo.

Quando Eugene Gendlin, em Luvaina, dizia “we client centered people”, a quem se referia ele concretamente? A todos os que se inspiram no pen-

samento de Carl Rogers? Aos que definem a Terapia Centrada no Cliente, como Barbara T. Broadley, num sentido mais estrito, assente nos três pilares, nomeadamente, o da tendência actualizante, o da não directividade e o das seis condições necessárias e suficientes para que haja mudança terapêutica? Ou ainda, a alguma outra das correntes que se desenvolveram dentro da “mouvance” rogeriana, das quais uma das mais importantes é sem dúvida, a Psicoterapia Experiencial inspirada pelo próprio Gendlin?

Na última conferência em Gmuden, John Shlien, numa comunicação recebida de maneira muito díspar pela assistência, entre apupos e aplausos, propôs uma certa clarificação da terminologia e precisão no emprego da mesma. O diálogo só se torna possível quando há respeito mútuo, desejo de compreensão mútua e uma certa transparência na comunicação.

Parece-nos que uma das razões da dificuldade do diálogo entre nós está no receio de juízos de valor, na defesa de uma concepção que, por hegemónica, definiria a partir de si a ortodoxia e a dissidência, um pouco como nos alvares da corrente psicanalítica entre Freud e os seus delfins, desejados ou designados, como por exemplo Adler, Rank ou Jung.

Portanto, Carl nunca pretendeu ter a verdade absoluta nem o desejo de prender ou de se deixar prender por uma concepção ou modelo definitivo e imutável. Antes pelo contrário, continuou

a desenvolver o seu modelo, as suas concepções, admitindo certamente, com mais facilidade do que Freud, que os seus discípulos discordassem das suas ideias, apresentassem outras ou seguissem rumos diferentes. Ele mesmo, em certos momentos do seu percurso, assinalou evoluções possíveis ou caminhos que para ele não faziam sentido naquele momento, mas admitia poderem fazer sentido para outros ou virem a fazer sentido para si próprio noutros momentos do seu percurso. Penso, por exemplo, no seu livro traduzido em português com o título de Novas Formas de Amor ou em trabalhos do período posterior à morte de sua esposa Helen.

Parece-nos que o consenso entre nós seria possível a partir destas noções de reconhecimento e respeito das diferenças, afirmadas e assumidas plenamente, e a partir, também e sobretudo, do conhecimento e definição de tudo o que nos une e que parece ser muito mais importante do que o que nos separa.

Aqui fica uma primeira proposta/sugestão”: que nesta conferência nasça uma Carta de Lisboa, “Magna Carta” do movimento, enunciadora do máximo divisor comum, dos princípios aos quais todos podemos aderir sem restrições mentais nem sentimentos de renúncia a

valores essenciais.

Esperemos que do respeito e do reconhecimento das diferenças possa sair um trabalho de investigação fecundo que nos recorde, por um lado, “os tempos heróicos” do início da investigação em psicoterapia introduzida por Carl Rogers nos anos 30 e, por outro lado, nos enriqueça através da comparação das nossas abordagens-sensibilidades com os seus resultados, os seus constructos e os seus desenvolvimentos teóricos.

Então os nossos encontros seriam ainda mais ricos, se se desenrolassem num clima de sã confrontação científica que excluía o dogma e a recusa de transformar o discurso científico num discurso exegetico, quando não apologético e pseudo científico.

Acreditamos que uma vez estes princípios assentes, poderia desaparecer uma certa desconfiança em relação a uma organização internacional não representando esta o poder hegemónico de nenhuma tendência dentro do movimento, mas um congregar federativo de todos os que, de uma maneira ou outra, se reconheceriam na herança rogeriana dentro dos princípios gerais dessa “Carta de Lisboa”.

Essa organização constituída em Lisboa poderia ser, assim, uma organização com um

grande peso científico mas ligeira na sua estrutura, funcionando como coordenação ou confederação internacional de instituições e/ou indivíduos; elo eficaz de comunicação e de transmissão de informação entre os seus afiliados, dentro e fora dos períodos de “Conferência” ou de “Fórum”, coligindo e fornecendo informação sobre as instituições, os programas de formação e de investigação, as recolhas bibliográficas, publicando uma revista internacional de valor comprovado, aberta, sem equívoco e sem juízos de valor nem preconceitos, às diferentes correntes dentro do movimento.

De Conferência em Conferência, os elos entre nós estreitar-se-iam, a confrontação das nossa ideais e dos nossos projectos de investigação seriam um enriquecimento extremamente importante para todos e um progresso significativo para a difusão do nosso modelo e a sua reafirmação, como movimento científico vigoroso, credível, rigoroso nos seus métodos de trabalho e nas suas exigências e uma alternativa segura às correntes tradicionais que procuram hegemonizar o universo da psicoterapia em particular e do relacional em geral.

Por toda a parte, começam a aparecer restrições orçamentais nas áreas da saúde e, mesmo em países até aqui conhecidos pela sua abertura, aparecem definições oficiais de terapias eficazes que pretendem ser reconhecidas pelas autoridades sanitárias: geralmente, a psicanálise, ou melhor dito “as psicanálises”, as terapias cognitivistas e, por vezes, as sistémicas.

Quando me insurgi, na

Sociedade Suíça de Psiquiatria, contra os novos regulamentos de formação para especialistas em psiquiatria e psicoterapia, os quais estipulam que as únicas terapias reconhecidas como eficazes são as acima citadas, e argumtei com o trabalho inovador, pioneiro e largamente estabelecido do movimento rogeriano, foi-me respondido que a comissão responsável por esses regulamentos considerava que a terapia originária do trabalho de Carl Rogers se incluía no capítulo das psicanálises. Aparentemente, nem os meus protestos nem os de alguns, infelizmente poucos, colegas suíços, nem de alguns colegas rogerianos de reconhecido valor internacional que intervieram pessoalmente, puderam inflectir a opinião daquela respeitável assembleia. Eis-vos, meus caros colegas, no dizer da douta Sociedade Suíça de Psiquiatria, transformados em psicanalistas, designação na qual estou certo que nem os psicanalistas nos reconhecem, nem nós nos reconhecemos, apesar de todo o respeito que podemos ter por esse modelo terapêutico. Pessoal-

mente, considero que se num certo momento do meu percurso pessoal me afastei da psicanálise, foi precisamente por não me reconhecer nas suas bases filosóficas e me sentir incoerente comigo próprio nesse modelo, com o qual não me identifico hoje de maneira nenhuma.

A defesa do valor científico, filosófico, ético e humanista do nosso modelo, é neste momento uma tarefa urgente e só uma tomada de posição de unidade, que não significa nem implica uniformidade, uma afirmação do valor no nosso modelo, através da multiplicação das investigações rigorosas e de alto valor científico, uma acção de política de promoção de formação credível, dentro e fora dos muros das Universidades, a nossa presença, nos centros de decisão política face ao futuro das relações entre os poderes político-sanitários e os modelos e sociedades de psicoterapia, me parecem possíveis de garantir a perenidade, o respeito e o apreço de um modelo que já deu sobejas provas do seu valor.

Não me quero alongar, pois as razões que citei parecem-me mais do que suficientes para esperar que Lisboa seja a charneira, na aurora do terceiro milénio, entre as posições de Carl Rogers expressas na sua carta aos nossos colegas aqui em Lisboa nos princípios dos anos setenta, na qual se opunha a toda a forma de institucionaliza-

ção do seu pensamento, filosofia ou práxis, e a necessária organização indispensável para o século XXI sem a qual o nosso movimento não pode sobreviver como força credível, se não se basear no respeito desses valores que de Rogers herdamos e no quais todos nos reconhecemos.

Uma tal coordenação internacional devia poder contar no seu seio com um representante da organização da última conferência realizada que ajudaria os organizadores da próxima conferência, também presentes nessa coordenação, e disponibilizaria toda a informação e experiência acumulada, assim como o representante do grupo organizador da conferência seguinte, os quais poderiam, assim, começar a preparar-se para essa tarefa e para uma transmissão eficaz da comunicação no nosso meio.

Este modelo está, aliás, presente em bastantes sociedades científicas que utilizam as funções de “past president or coordinator”, “coordinator” e “elected coordinator”.

A minha sugestão seria, também, decidir na conferência o local das duas seguintes.

Não quero terminar estas breves palavras sem um agradecimento à comissão organizadora que tanto se esforçou para nos permitir desfrutar deste espaço de encontro e de partilha que, estamos certos, ficará como um marco importante da história do movimento rogeriano, demonstrando, uma vez mais, as potencialidades de auto-organização

do nosso movimento, expressas numa organização eficaz, credível, respeitadora das diferenças, procurando a unidade e não a uniformidade, exprimindo claramente as suas posições plenamente assumidas e coerentes como o modelo que nos inspira.

Penso que, se o conseguirmos, Carl Rogers teria podido dizer de novo “so far we love Portugal”.